

RE ENCONTRO
literatura

Daniel Defoe

Robinson Crusóé

A conquista do mundo numa ilha

Tradução e adaptação em português de

Werner Zotz

Ilustrações de

Rogério Soud e

Rogério Nunes Borges



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editora

Cristina Carletti

Assistente editorial
Suely Mendes Brazão

Preparadora de textos
Célia Tavares

Revisoras
Cynthia Maso Panzani
Márcia Copola
Nair Hitomi Kayo

Programador visual de capa e miolo
Didier Dias de Moraes

Diagramador
Fábio Cavalcante

Ilustração de capa
Rogério Soud

Ilustração de miolo
Rogério Nunes Borges



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br
[e-mail:atendimento@aticascipione.com.br](mailto:atendimento@aticascipione.com.br)

2019

ISBN 978-85-262-7676-5 – AL

CL: 736829
CAE: 248526

18.ª EDIÇÃO
13.ª impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. Nova York: Greenwich House, 1982.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Defoe, Daniel, 1660-1731

Robinson Crusoe: a conquista do mundo numa ilha / Daniel Defoe; adaptação em português de Werner Zotz. – São Paulo: Scipione, 2001. (Série Reencontro literaria)

1. Literatura infantojuvenil I. Zotz, Werner. II. Título. III. Série.

97-1155

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

Quem foi Daniel Defoe? 5

Primeira parte – Aventura no sangue

1. Apelo irresistível 7
2. Nasce um marinheiro 10
3. Escravo dos mouros 12
4. Fuga para a liberdade 14
5. Fazendeiro no Brasil 16
6. Novamente tentado pela aventura. 18

Segunda parte – A descoberta de uma nova vida

1. O naufrágio. 20
2. Os “tesouros” do navio naufragado 24
3. A construção do “castelo” 27
4. Perspectiva de vida 31
5. A vida torna-se mais confortável 32
6. Nasce o milho. 34
7. Terremoto 36
8. Febre e meditação. 38
9. A “casa de campo” 41
10. A estação das chuvas 44
11. Expedição de reconhecimento 46
12. A vida entra na rotina 48
13. Novos ofícios 49
14. O barco 52
15. Roupas originais e outro barco. 53
16. Trágica expedição marítima 55
17. O rebanho de cabras. 58
18. O “reino” está pronto. 59

Terceira parte – O “reino” ameaçado

1. Pegada na areia 60
2. Ritual de morte 63
3. Coragem passageira, medo constante 66
4. O perigo se avizinha 69
5. Outro navio naufragado 71
6. Um estranho sonho 73

Quarta parte – O amigo Sexta-Feira

1. Sexta-Feira aparece na ilha 77
2. Sexta-Feira adquire novos hábitos 82
3. Sexta-Feira reaviva antiga esperança 86
4. Sexta-Feira torna-se um bom cristão 87
5. Sexta-Feira ajuda a construir um barco 90
6. Sexta-Feira salva seu pai 92

Quinta Parte – A conquista da liberdade

1. Novos “súditos do reino” 97
2. Preparativos para receber os náufragos 99
3. Um navio surge no horizonte 102
4. A ilha vira campo de guerra 106
5. A conquista do navio 109
6. O embarque 112

Sexta parte – Retorno à civilização

1. A Inglaterra está mudada 115
 2. Em Lisboa, a descoberta da fortuna 116
 3. Assentando juízo... por pouco tempo 117
 4. De volta à ilha 119
- Quem é Werner Zotz?* 120

QUEM FOI DANIEL DEFOE?

No século XVII, a Inglaterra passou por um longo período de revoluções: havia muitas lutas pelo poder; reis sucediam-se no trono em curtos espaços de tempo; o povo fazia reivindicações sociais; e, para completar, eram grandes as rivalidades religiosas.

Foi nessa época conturbada, no ano de 1660, que nasceu em Londres um grande escritor – Daniel Defoe –, filho de burgueses de origem holandesa. O pequeno Defoe recebeu boa educação por parte de seus pais, mas percebeu, desde cedo, que sua família sofria discriminações sociais por ser protestante, durante o reinado de um monarca católico.

Para entender melhor a importância desse detalhe aparentemente simples, temos de voltar ao século anterior. No ano de 1534, o rei Henrique VIII, desligando-se da Igreja Católica por não ter obtido licença do papa para casar-se pela segunda vez, fundou a Igreja Anglicana, que combinava princípios católicos e protestantes, dela tornando-se o chefe. A partir de então, a questão religiosa (sempre aliada a fatores sociais e políticos) tornou-se problemática na Inglaterra, cujo trono passou a ser ocupado ora por reis católicos, ora por protestantes, ora por anglicanos.

Eis por que Defoe foi vítima da intolerância religiosa em sua época. Dotado de grande espírito crítico, escrevia e distribuía panfletos em que atacava as resoluções do rei católico Jaime II.

Sua situação só melhorou quando subiu ao trono o rei de origem holandesa Guilherme de Orange, que era protestante. Conseguiu bons empregos, que lhe proporcionaram viagens a Portugal e à Espanha. Foi nesses países que Defoe ficou conhecendo pormenores sobre as colônias espanholas e portuguesas na América (inclusive o Brasil), que mais tarde ele utilizaria em seus romances.

Defoe tinha 42 anos de idade quando subiu ao trono a rainha Ana, que procurou revigorar a religião anglicana. Imediatamente, ele voltou a distribuir seus panfletos criticando o regime e acabou sendo preso. Uma vez libertado, fundou o jornal *The Review*, inaugurando o moderno jornalismo na Inglaterra. Agora a defesa de suas ideias liberais era feita pelo jornal e não mais em panfletos clandestinos, o que não o livrou de uma segunda prisão. Novamente em liberdade, Defoe, então com mais de 50 anos, resolveu afastar-se da política e dedicar-se mais à literatura.

Foi nessa fase, em 1719, que escreveu *Robinson Crusóé*. Dizem que Defoe se inspirou na história verídica de um marinheiro escocês, que por quatro anos viveu isolado na ilha de Juan Fernandez, no Caribe. De qualquer forma, a história de Robinson é narrada com tantos pormenores e de maneira tão viva e empolgante, que se torna real aos olhos do leitor.

Robinson, na verdade, é muito parecido com seu criador: um típico inglês da burguesia protestante, que acredita no trabalho árduo, na religião e no progresso. Fruto de uma época em que os europeus colonizavam a América, Robinson/Defoe aceitava com bastante naturalidade a ideia de que era dever do europeu, com sua inteligência e sua cultura "superiores", "civilizar" o continente americano. Foram homens como ele que colonizaram os Estados Unidos e fizeram a Revolução Industrial.

Daniel Defoe escreveu ainda outras obras: *O capitão Singleton*, *O coronel Jack*, *Roxana*, *O capitão Carleton*. Embora muito menos famosa do que *Robinson Crusóé*, sua obra-prima foi *As venturas e desventuras da famosa Moll Flanders*, escrita em 1722, cujo tema também ressalta a natureza, a solidão, a liberdade e o pleno alcance da felicidade.

Dizem que, embora tenha ganho muito dinheiro em sua vida, Daniel Defoe morreu na miséria, na cidade inglesa de Moorfields, em 1731, aos 71 anos de idade.

Primeira Parte

Aventura no sangue

1

Apelo irresistível

Nasci na cidade de Iorque, Inglaterra, no ano de 1632. Meus pais eram típicos representantes da classe média. Aliás, orgulhavam-se disso. Estrangeiro de Bremen, Alemanha, meu pai instalou-se inicialmente em Hull, uma pequena cidade a leste da Inglaterra. Tornou-se um próspero comerciante para depois abandonar seu negócio e ir viver descansado em Iorque. Foi aí que conheceu e casou com minha mãe, de sobrenome Robinson, nascida numa das famílias mais conceituadas da região. Quando me dei por gente, já carregava o sobrenome de Robinson Kreutznaer, os dois nomes lembrando as origens familiares. Demorou pouco para ser chamado de Robinson Crusóé: talvez pela natural tendência dos povos para nacionalizarem nomes, ou então pela característica da minha região natal de abreviar e simplificar as palavras.

Tive dois irmãos mais velhos. Um deles era tenente-coronel da infantaria inglesa e foi morto numa batalha contra os espanhóis, perto de Dunquerque, no norte da França. Nunca soubemos, meus pais e eu, o que aconteceu com meu outro irmão. Simplesmente “evaporou-se”, sem deixar rastro, sem enviar notícias.

Filho caçula, haviam-me reservado um futuro exemplar: a carreira de advogado, o casamento com uma moça de família tradicional, filhos, prosperidade a ponto de levar uma vida sem sobressaltos ou apertos financeiros, velhice pacata... Enfim, uma vida sem grandes glórias, mas igualmente a salvo de sofrimentos e desgraças... Meus sonhos, porém, eram outros: queria viajar, conhecer o mundo, viver emoções e aventuras...

Minha mãe tentou dissuadir-me usando seus melhores argumentos: alternava momentos de carinho com outros de saudade antecipada, os olhos ameaçando avermelhar-se de choro contido. Ingredientes que, ao lado da preocupação maternal, sempre fizeram parte do seu jogo emocional.

A atitude de meu pai foi a esperada: assim que presentiu o perigo de ter um aventureiro na família, chamou-me para uma conversa reservada:

– Que razões tem você para buscar a aventura, um futuro incerto? Esta sua atitude é característica de quem está em sérias dificuldades ou então de quem quer enriquecer rapidamente... É melhor contentar-se com um padrão de vida de classe média, com garantia de paz e satisfação... Sei que pode não ser muito romântico, mas saiba que as desgraças sempre acabam por atingir os mais ricos e os mais pobres. Nunca a classe média!...

Como nada respondi, meu pai continuou:

– Isso para não falar dos aventureiros irresponsáveis. Olhe o exemplo do seu irmão: morreu numa guerra estúpida, em troca de uns poucos momentos de glória...

Ao lembrar o filho morto, meu pai permitiu que a emoção abrisse uma brecha na defesa montada em torno dos seus argumentos sempre lógicos e racionais: foi a primeira e única vez que o vi chorar. Depois concluiu:

– Não, meu filho, não vou impedi-lo de sair de casa, de buscar seu próprio caminho. Se quiser ficar, terá todo o meu apoio. Mas, se resolver correr o mundo, não espere pela minha compreensão... É melhor que fique preparado para enfrentar problemas de toda espécie...

Sensibilizado por suas palavras, procurei, sinceramente, seguir sua orientação. Mas durou muito pouco tempo. Menos de uma semana depois, já me empolgava com novos sonhos de viagens e aventuras. Passei a evitar conversas com meu pai: não desejava ouvir outras reprimendas.

Tentei ainda uma vez valer-me de mamãe para ganhar o consentimento paterno. Disse-lhe que a vontade de ver o mundo era tão grande que se tornava impossível contentar-me com o pequeno universo de Iorque. E mais: que já tinha dezoito anos, não aprendera ofício algum, era muito tarde para iniciar-me numa banca de advogado e que era melhor papai dar seu consentimento, assim eu saíria de casa sem ressentimentos e com sua bênção.

De nada adiantou esta conversa: além de deixar mamãe aflita, sua intercessão junto a meu pai resultou nula. Não, era inútil esperar pelo seu consentimento... A escolha teria de ser minha: podia viver feliz em casa, ou ser um infeliz, perambulando sem destino pelo mundo...

2

Nasce um marinheiro

Minha partida não foi coisa pensada, premeditada. Simplesmente aconteceu. Já se tinha passado um ano. Durante este tempo, se não saíra de casa, também não aceitara emprego algum, recusando todas as ofertas para iniciar qualquer negócio. Um dia, estava casualmente na cidade de Hull, quando um amigo me contou que ia para Londres no navio do pai. Convidou-me para embarcar com ele. Proposta tentadora: podia subir a bordo como marinheiro, ainda que não conhecesse a profissão. Era o mesmo que me oferecer uma viagem de graça.

Embarquei no dia 1.º de setembro de 1651, sem consultar pai ou mãe. Nem mesmo os avisei.

Assim que o veleiro saiu do porto, foi envolvido por enormes ondas. Durante a noite, a tempestade continuou a brincar com a embarcação, como o gato que maldosamente se diverte com o rato: depois de encurralá-lo e conhecendo seu próprio poder, sabe que o fim depende exclusivamente de sua vontade e que cabe a ele colocar um ponto final no jogo da morte. A completa escuridão da noite no mar tornava a situação mais assustadora.

Desesperado, arrependido, jurei nunca mais pôr os pés em outro navio, se escapasse daquela enrascada com vida. Sim, meu pai estava carregado de razões...

Na manhã do dia seguinte o mar estava calmo, pacífico, até mesmo romântico... Os propósitos da noite anterior rapidamente deram lugar a outros pensamentos: agora só tinha olhos para a beleza da paisagem.

Por seis dias, navegamos calmamente. Manhãs de céu azul, tardes ensolaradas, vento agradavelmente fresco, crepúsculos com o sol avermelhado no horizonte, estrelas brilhando intensamente nas noites. O corpo acostumou-se depressa à nova realidade. O andar adquiriu o balanço dos velhos homens do mar, acompanhando o movimento das ondas. O enjoo surgido na primeira noite de tempestade desapareceu. Quando aportamos na baía de Yarmouth, ainda na Inglaterra, já me julgava conhecedor dos segredos do mar.

Permanecemos ancorados seis ou sete dias, aguardando vento favorável para subir a correnteza do rio. Outros navios vieram parar ao nosso lado. Quando ele surgiu, veio com intensidade muito maior do que a desejada: não era vento, mas sim uma nova tempestade. Muito perto de nós, dois navios perderam seus mastros. Os vagalhões cresciam, corcoveavam como cavalos selvagens, arremessavam-se contra o casco da embarcação, lambiam o convés de proa a popa. A âncora rolava de um lugar para outro, impotente. O madeirame rangia, agourando para breve o desmantelamento completo do navio. O terror e o medo estamparam-se nos rostos dos marujos e do capitão. No segundo dia, descobriu-se um grande rombo no porão. De nada estavam valendo nossos esforços desesperados. A água bombeada para fora era sempre em menor quantidade do que aquela que forçava passagem para o interior do navio. Ouviram-se então tiros de canhão: era o sinal do capitão pedindo socorro. Um barco pequeno e rápido atendeu aos roucos lamentos. Aproximou-se e atreveu-se a arriar um bote salva-vidas para nos ajudar. Deixamo-nos levar pela correnteza, pelas ondas e pelo vento. Atrás de nós, o navio afundava rapidamente.

Aportamos na costa, em Winterton Ness. Fomos a pé até Yarmouth. As autoridades da vila, considerando-

-nos naufragos, deram-nos comida, abrigo e algum dinheiro, suficiente para seguir viagem até Londres ou regressar a Hull.

Alojados em diferentes lugares, só fui encontrar meu amigo dois dias depois. Estava acompanhado pelo pai, o capitão do navio naufragado, que então já sabia como eu embarcara, fugindo de casa. O homem não perdeu a oportunidade de dizer o que pensava:

– Meu jovem, é melhor nunca mais embarcar num navio. Você quis viajar como experiência. Muito bem. Já teve a experiência. Aceite-a como um sinal de alerta...

Argumentei, dizendo que também ele tinha naufragado e, pelo que podia imaginar, voltaria a correr os mares. O capitão perdeu a paciência comigo:

– Meu caso é diferente. Navegar é minha profissão e meu dever. Deus do céu! O que fiz para ter um miserável destes no meu barco? Nem por mil libras voltaria a navegar com ele...

Virou as costas e foi-se.

3

Escravo dos mouros

A ideia de voltar a Iorque foi rapidamente afastada. Que diriam de mim os conhecidos? Não aguentaria ser o alvo dos risos, ainda que disfarçados, dos vizinhos. Podia ver os rostos espiando por trás das janelas à minha passagem, os dedos apontando: “Não foi aquele ali que quis conhecer o mundo e voltou correndo ao primeiro sinal de perigo?”.